

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

EPIGRAFIA ROMANA DA REGIÃO ESPANHOLA DO TÂMEGA.

TABOADA, Jesus

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

TABOADA, Jesus, Epigrafia romana da região espanhola do Tâmega. *Revista de Guimarães*, 62 (3-4) Jul.-Dez. 1952, p. 286-298.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Epigrafia romana da região espanhola do Tâmega

PELO DR. JESUS TABOADA

Comissário de Escavações Arqueológicas
em Verín (Espanha)

No âmbito do Convento Bracarense, pertencente à antiga Gallaecia, as regiões de Chaves e de Verín são terras caracteristicamente irmãs, com a mesma configuração geográfica, quer devido à identidade do seu vale vergiliano, quer no aspecto das suas agrestes montanhas.

Por estes lugares leva o Tâmega, saudosamente, a Portugal, a mensagem fraterna que suas águas cantam sob a ponte, em cuja coluna viária a linguagem ecuménica de Roma uniu, através da História, aquaflavienses a tamaganos.

Aquae Flaviae alcançou tradição notável, bem situada na via XVII do Itinerário de Antonino Pio.

Verín, que tirou seu nome do modesto antropónimo de um proprietário rural (1), teve destino mais humilde. Alguns restos de edificações, encontrados em diversos lugares da vila, denotam, contudo, a sua romanização. Mas os dois povos permaneceram unidos, não só por um caminho transversal de cuja existência encontrámos incontestáveis testemunhos (2), como pelas amistosas relações de convívio social, que até hoje não mais se interromperam.

(1) Joseph M. Piel, «Nomes de possesores latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa», sep. de *Biblos*, vol. XXIII, Coimbra, 1948, p. 158.

(2) Jesus Taboada, «Via romana del Valle del Tâmega», *Revista de Guimarães*, fasc. 3-4 do vol. LV.

De uma romanização mais acentuada na zona flaviense do que na de Verin, é prova evidente a abundância de epígrafes procedentes de Chaves, cujo inventário se deve ao ilustre Arqueólogo Sr. Mário Cardozo (1), a contrastar com o presente catálogo, bem parco de inscrições verinenses, mas que aliás julgamos útil publicar nesta Revista, como complemento das lápides aquaflavienses e subsídio para o estudo da epigrafia e da onomástica bracarenses.

Dentro da usual classificação das inscrições, de harmonia com o seu conteúdo (2), este nosso inventário apenas insere epígrafes funerárias, votivas e monumentais.

A) Inscrições funerárias

1) D · M · S
C O R I A
A L B I N I
F · A N N O
R V M X I
H · S · S · T · L

D(is) M(anibus) S(acrum). Coria Albini f(ilia) annorum XI
h(ic) s(ita) s(it) t(erra) l(evis).

É uma lápide de xisto, de 62 cm de alto por 30 de largo. Os caracteres, segundo D. Marcelo Macias, que a publicou, (3), são do século III. Foi encontrada em Flor de Rey Vello, concelho de Villardevós (Orense), e figura hoje no Museu de Orense, por oferta de D. Manuel Nuñez. Estava na parede da cozinha de uma casa daquele povoado, próximo

(1) Mário Cardozo, *Algumas inscrições lusitano-romanas da região de Chaves*, ed. da C. M. de Chaves, 1943.

(2) Pedro B. Huguet, *Epigrafia latina*, Consejo Sup. de Invest. Científicas, Barcelona, 1946, p. 1 e ss.

(3) Marcelo Macias, « Nueva inscripción romana en la provincia de Orense », *Bolet. Com. Mon. de Orense*, n.º 88, Jan.º-Fev.º de 1913.

do qual existe um importante castro, a que já um dia nos referimos, a propósito de vários achados dali procedentes. (1)

2) ▨ N C
 Λ
 Λ A C
 O N I
 F · A N
 N O R V
 M · L X
 S · E · S
 ▨ L

..... f(ilius, a) annorum LX h(ic) s(itus, a) e(st)
 s(it) t(erra) l(evis)

Na ermida do castro acima citado estava recolhida esta lápide, por nós ali encontrada, e que seguidamente publicamos. (2)



Fig. 1 — Lápide de Florderrey (Villardevós) (n.º 2)

É uma estela funerária de pedra xistosa, análoga à anterior, medindo, no seu estado actual, 80 cm de altura, 20 de largo e 11 de espessura. Num dos lados apresenta dois orifícios, provavelmente para ser fixada com espigões de ferro. As letras são arcaizantes e profundamente gravadas. Os AA não tem travessão.

Não nos atrevemos a interpretar o nome do defunto,

(1) Jesus Taboada, «El castro de Flor de Rey Vello (Villardevós) y sus interesantes hallazgos», *Bol. del Museo Arq. de Orense*, tomo 11, 1946.

(2) Vide nota anterior.

mas D. Basílio Osaba (1), que era o Director do Museu de Orense na ocasião em que ali fizemos recolher a lápide, leu-o — *Ancta Aaconi*, ou seja, «Ancta (filha) de Aacon», baseado no mesmo nome, *Ancta*, existente numa pedra sepulcral do Museu Arqueológico de Madrid (Pelayo Quintero, *Uclés*, p. 103, e Casto Maria del Rivero, *Lapidario del Museo Arqueológico Nacional*, p. 69), e, relativamente ao nome de *Aacon*, ou *Aacon* com dois AA, apoiado em nome igual, já mencionado no *C. I. L. II*, n.º 2635.

3) D · M · S
 R · V · I · I · N
 V · S · R · V
 I · I · A · N
 N · O · R
 V · M
 X · X · X · X
 H · S · S · T · L

Encontrava-se, constituindo um marco limite de duas propriedades rústicas, no lugar denominado «As Lagas», do termo de Terroso, no mesmo Concelho de Villardevós. Não sofreu esta lápide dano algum enquanto esteve servindo de balisa de terrenos, devido ao respeito supersticioso que ao camponês inspiram os marcos, acreditando que todo aquele que arrancar ou destruir algum será condenado, como no mito de Sísifo, a carregar com ele às costas no outro mundo.

É uma lápide rectangular, de xisto, medindo 82 por 32 cm., com um rebordo ou meia cana de 6 cm., na sua parte mais larga, enquadrando o campo da epígrafe, cuja superfície é de 70 × 24 cm. A altura

(1) *Memorias de los Museos Arq. Provinciales*, 1946 (Extractos), vol. VII, p. 109-110.

das letras oscila entre 9 e 5 cm., e a sua largura é muito variável. O *M* de *Manibus*, por exemplo, tem 9 cm., enquanto o da palavra *Annorum* mede 13. As letras são capitais rústicas de tipo arcaizante, notável pela falta de travessão no *A*, e pelo simples traço vertical representando os *FF*.

A sua leitura é corrente:

D(is) M(anibus) S(acrum). Rufinus Rufi annorum XXXX
h(ic) s(itus) s(it) t(erra) l(evis).

« Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Rufino, filho de Rufo, de quarenta anos. A terra lhe seja leve ».

Foi igualmente encontrada por nós, ingressando no Museu Arqueológico de Orense, em cujo Boletim a demos a conhecer ⁽¹⁾.

B) Inscrições votivas

4) IVNONI
 // RIS
 DEV M
 EMILIA
 FLAVINA

Esta inscrição, hoje perdida, encontrava-se colocada no átrio da Igreja paroquial de Albarellos. Em 1755 copiou-a D. Pedro Gonzalez de Ulloa, Abade de Cobelas, e segundo Ceán Bermudez ⁽²⁾ estava gravada num pedestal ou base de estátua. Foi registada no *Corpus* ⁽³⁾, e a sua leitura interpretada do seguinte modo:

« A Juno, mãe dos deuses, Emília Flavina ».

⁽¹⁾ Jesus Taboada, «Lápida funeraria de Terroso», *Bol. del Museo Arq. Provincial de Orense*, tomo IV, 1948.

⁽²⁾ C. Bermudez, *Sumario de las antigüedades romanas que hay en España*....., Madrid, 1832, p. 216.

⁽³⁾ C. I. L. II, 2521.

Vazquez Nuñez (1) salienta, ao tratar desta epígrafe, a influência grega no culto romano, cuja união para formar a tríade capitolina, admitida na Etrúria e adoptada em Roma pelos Tarquínios, foi reconhecida como marcadamente grega (2).

Barros Silvelo (3) registou também esta inscrição, com uma ligeira variante, dando-a como existente, no seu tempo, no átrio da Igreja paroquial de Albarellos, mas indecifrável, visto considerá-la incompleta.

5) P · R
C · MAR · MAXI
V · LEG
VII G · P · F ·
V · S · L · M ·

Esta lápide apareceu em 1580, em Abedes; levada para o palácio do Conde de Monterrey, ali se conservou durante muito tempo, desconhecendo-se, porém, o seu paradeiro actual.

Fazia parte de um aposento romano, de 15 pés de comprido por 12 de largo, que tinha no meio uma coluna de mármore, rematada por um tourinho de bronze (4).

Garcia de la Riega (5) considerou esta inscrição dedicada ao Boi Apis egípcio, e Vazquez Nuñez julga que a figura seria provavelmente de fabrico indígena (6). Hübner (7) interpretou assim a epígrafe:

«Cajo Márcio Máximo, centurião da Legião VII Gémea, Pia, Feliz, cumpriu de bom grado, e merecidamente, o voto que havia feito ao Génio do Povo Romano».

- (1) *Bol. de la Comisión de Mon. de Orense*, n.º 2.
 (2) Hermann Steuding, *Mitología griega y romana*, 5.ª ed., Barcelona, 1942, p. 211.
 (3) Barros Silvelo, *Antigüedades de Galicia*, 1875, p. 213.
 (4) Ceán Bermúdez, *Op. cit.*, p. 216.
 (5) G. de la Riega, *Galicia antigua*.
 (6) *Op. cit.*
 (7) *C. I. L. II*, 2522.

6) BANDVE
CAL CO
ER A
RV I
V · L · M

Faz parte esta ara da mesa do altar-mór da Igreja pré-românica de Santa Maria de Mixós, Concelho de Albarellos de Monterrey, a três quilómetros, aproximadamente, da vila de Verin.

Mede 74 cm. de altura, 21 dos quais correspondem às cinco molduras que constituem o ornato da sua parte superior. De largura, no cimo, tem 50 cm., e, na parte onde está gravada a epígrafe, 40.

Bouza Brey, Fuentes Canal e Fernandez Oxea ⁽¹⁾ interpretam assim a legenda:

Bandue (?) cal(at)co (?) Er(at)a (?) Ru(f)l(na) v(otum)
l(ibens) m(erito) s(olvit)

Isto é:

« Erata Rufina cumpriu de bom grado o voto devido a Bandua Calaico ».

D. Angel del Castillo ⁽²⁾, que também estudou a Igreja e as aras de Mixós, leu desta maneira a inscrição:

BANDVE CAL CO ERA RVFNA V · L · S ·

supondo o nome da dedicante Terência Rufina.

Bandua é um dos nomes galegos de maior expansão, cuja verdadeira natureza se desconhece.

(1) *A eirexa de Santa Maria de Mixós e suas aras romanas*, Trabalho apresentado ao Seminário de Estudos Gallegos, em sessão de 2-X-1928.

(2) Angel del Castillo, « Dos nuevas iglesias pre-románicas », *Bol. Com. Mon. de Orense*, tomo VIII, n.º 182, Set.º-Outubro de 1928.

É corrente vir acompanhado de expressões adjectivais que foram interpretadas por Schuchhardt (1) como epítetos gentilícios ou tópicos.

7) Na mesma Igreja há uma outra ara, encastada na base do altar do Evangelho, que não tem inscrição alguma à vista, a qual possivelmente estará gravada na outra face da pedra, que se encontra oculta. Tem 70 cm. de altura, por 35 de largura máxima, com molduras em festão e desenhos constituídos por semi-círculos concêntricos. É citada pelos mesmos autores que estudaram a lápide anterior.

8) BANDVAE
 ▨▨▨ RVBRICO
 MON · MON
 TANVS · CO
 NSACRA ▨▨▨
 EX VOTO

É proveniente de uma Quinta de Villaza, propriedade do Advogado de Estado-Chefe, da Corunha, Snr. D. Benito Blanco-Rajoy, que a guarda em sua casa, no referido povoado de Villaza, a 5 quilómetros de Verín.

A pedra é de granito, com soco rematando em duas molduras. Por cima do campo da epígrafe apresenta uma cornija de triplíce moldura. Mede o bloco 76 cm. de comprimento, por 28 de largura e 29 de espessura, faltando-lhe algumas letras, o

(1) Schuchhardt, *Die iberische Deklination*, Viena, 1907.

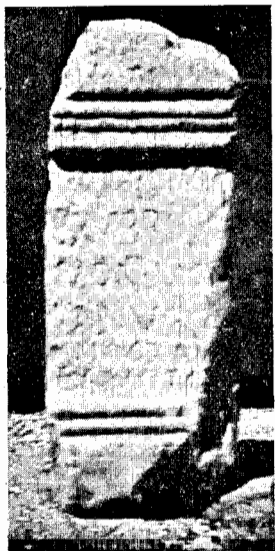


Fig. 2 — Ara de Villaza
(n.º 8)

que impede a leitura da adjectivação tribul.

A *Bandua* já atrás nos referimos. O nome *Montanus* figura numas 30 epígrafes registadas no *Corpus*.

A sua interpretação é:

« Monius Montanus (ou Montanus Montanus) consagrou esta oferenda a Bandua rubrico ».

Foi pela primeira vez publicada por nós, da qual tomamos conhecimento devido à amabilidade do seu proprietário, que nos convidou a estudá-la (1).

9)

ICASCAEN
TAMC · ONM
DEC · AIICI ∞
COMML · LI IC.
//// IAENSD · NS
IOVI OM VS
LM

Esta ara encontrava-se em casa de D. Ramón Sabarid, de Castrelo del Valle, sendo recolhida por nós e enviada ao Museu Arqueológico Provincial de Orense, onde actualmente se guarda (2).

Segundo notícias que conseguimos obter, é proveniente da Capela de San Martín, junto do Castro de Cabanca, que fica próximo daquela localidade.

(1) Jesus Taboada, «Ara romana de Villaza (Verin)». *Bol. del Museo Arq. Prov. de Orense*, tomo V, 1949, p. 55 e 56,

(2) *Bol. del Museo Arq. Prov. de Orense*, tomo V, 1949, p. 151-152.

Neste cipo faziam descançar a imagem do Santo, no decorrer da procissão que saía da ermida.

Mede 91 cm. de altura, 46 de largo e 33 de espessura. Tem uma moldura superior, de 27×30 cm., e outra, inferior, de 12×55 .

A altura das letras é de 6 cm., e os espaços entre as linhas de 4 cm.

Esta ara não figura no *Corpus*, e a ela se referiram Fernández Costas e Fuentes Canal (1) quando estudaram a possibilidade de um caminho transversal entre as vias xvii e xviii do Itinerário de Antonino Pio. A leitura dada à epígrafe foi:

ICASCAIN TAMACAAM DECAI.....M.....C.....
AV.....D.....S.....VIOMV.....

Dedicada a Júpiter, não foi possível interpretá-la por completo, visto apresentar várias letras obliteradas.

C) Inscrições monumentais

10)
A N T

Coluna miliária achada em Tamaguelos, povoação situada a meio caminho da estrada de Verín à fronteira portuguesa. Faz actualmente parte da fachada de uma casa, e, pela posição que ocupa, não se podem ler mais que as três letras aqui indicadas. Tem um metro de alto e 35 cm. de diâmetro. Foi dada a conhecer no trabalho dos Snrs. F. Costas e Fuentes Canal (2).

11) AVR (?)
APO
C · AVG
TCP
COS
QCOS

Marco miliário existente a 1 quilómetro de Verín,

(1) «Unha nova via romana... ..», Rev. Nós, n.º 35.

(2) *Ibidem*.

desempenhando o papel de coluna, no moinho chamado da Veiga. A pedra está muito deteriorada, visto servir de poste para prender as cavalgadas. Razão pela qual os investigadores anteriormente citados não deram leitura alguma dela, ao fazerem o estudo da via provável através desta região do Tâmega.

Quanto a nós, julgamos que a sua leitura seja a dada na lição supra. Mede de alto 2,^m45, e 1,^m45 de circunferência.

12)

C O O

M C I

.....
.....

Marco miliário que descobrimos ⁽¹⁾ no Bairro de S. Lázaro, constituído por um monólito de 1,^m60 de altura, e 1,^m20 de circunferência, na parte mais grossa. O seu mau estado de conservação não permite ler mais do que as letras acima indicadas. Serve de suporte ao corredor de uma casa brazoadada do séc. XVIII, pertencente à Família dos Cas-

Fig. 3—Miliário na Casa dos Castros, do Bairro de S. Lázaro (n.º 12).

(1) Vide nota 2 de pág. 286.

tros, construída sobre outra mais antiga, mencionada pelo P.^e Gándara (1).

13) DN
 CONST
 NTI
 PIO
 NVIC
 AVG

Coluna miliária inédita, que se achava fazendo parte da parede de um palheiro de Luis Sanchez, da povoação de Rebordondo (Cualedro). Foi por nós estudada, mediante informes de D. Mariano Taboada e de D. Daniel R. Perdiz, que no-la indicaram.

Procedia do lugar chamado *Os Mallos*, situado a 500 m. do referido povoado, local onde foram igualmente descobertas várias sepulturas e uma vasilha, que o Sr. Taboada possui.

Mede de altura 2,^m80 e de circunferência máxima 1,^m10. É de pedra xistosa e encontra-se muito desgastada na base, talvez devido à sua actual utilização, pelo que não pode ler-se por completo a inscrição.

Não há dúvidas, porém, quanto à interpretação do que ainda resta:

«A nosso senhor Constantino, Pio, Invicto, Augusto.....»

O *DN* está gravado entre louros.

Esforçamo-nos, presentemente, por conseguir o seu ingresso no Museu Provincial de Orense.

(1) *Armas e triunfos de Galicia.*

14)

C S A

.....

No mesmo palheiro de Luis Sanchez, de Rebor-
dondo, existe um pequeno troço de miliário de gra-
nito, também inédito.

A pedra, muito gasta, apenas deixa ler as três
letras supra.